

# ONDE ESTÁ O TEU IRMÃO? A DIMENSÃO CONFLITIVA DA MISERICÓRDIA NA CONSTRUÇÃO DA FRATERNIDADE E DA PAZ SOCIAL

*Eduardo Pessoa Cavalcante\**

Resumo: Onde está o teu irmão? Esta é a pergunta que Deus dirige a Caim após o fratricídio por ele cometido contra Abel (Gn 4,9). Bem poderia ser a indagação que Deus faz aos seus seguidores de todos os tempos (*Evangelii Gaudium* 211) quando deixamos de nos indignar proativamente em face dos múltiplos atentados à vida e à dignidade de tantos dos nossos irmãos. Neste artigo buscaremos demonstrar, iluminados especialmente pelo magistério de Francisco<sup>1</sup> que, para respondê-la, é fundamental que a misericórdia esteja na própria gênese do nosso olhar, da nossa reflexão e do nosso agir em torno da realidade que nos cerca. Mais do que uma reação, ela antecede a ação, sendo fruto da graça que atua em todos os seres humanos, crentes e não crentes. Não obstante, esta misericórdia internalizada e vivida realmente nos conduz a uma reação (como dizia Jon Sobrino), muitas vezes conflituosa. Assim, ela se faz compromisso sociopolítico e de fé, em prol da fraternidade e da paz social, a fim de que a unidade prevaleça sobre o conflito (*Evangelii Gaudium* 226-230).

Palavras-chaves: Misericórdia. Ação. Conflito. Paz. Papa Francisco.

## **Introdução**

O título do presente artigo é: “Onde está o teu irmão? A dimensão conflitiva da misericórdia na construção da fraternidade e da paz social”. Iniciamos com esta pergunta por entendermos que, assim como Deus se dirigiu a Caim (Gn 4,9), também Ele se volta aos homens e mulheres de todas as épocas. Queremos demonstrar, ademais, que Deus nos criou para entrarmos em relação com Ele e com os que nos cercam. A resposta que damos a tal indagação, por sua vez, se dá no caminhar da

---

<sup>1</sup> Por Francisco estaremos sempre nos referindo ao papa Francisco.

\* Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE); aluno especial do programa de doutorado da FAJE; correio eletrônico: eduardocavalcante@yahoo.com.br

história por meio das escolhas que fazemos. E o Senhor nos pede que optemos sempre pela vida (Dt 30,19): a nossa, a dos nossos irmãos e do conjunto da criação.

Essa decisão pela vida, na perspectiva que passaremos a expor, nasce da ação da Graça em nós, sendo fruto da misericórdia. Vida, misericórdia e Graça se entrelaçam, e brotam da mesma fonte: Deus. Sem embargo, escolher a vida, e optar por viver a misericórdia, pode vir a gerar resistências e reações contrárias.

Destarte, iluminados por essas premissas, discorreremos sobre *a misericórdia como princípio vital*; em seguida falaremos sobre *a misericórdia como indignação proativa*; e, por fim, versaremos acerca de *assumir o conflito para a construção da fraternidade e da paz social*. Para tanto, o magistério de Francisco nos iluminará, bem como a Sagrada Escritura e outros teólogos.

Não temos a pretensão de oferecer respostas definitivas, mas sim suscitar a reflexão, pautados no diálogo e na pluralidade de pensamento.

## **1 Misericórdia como princípio vital**

Na perspectiva de quem crê num Deus de amor, a misericórdia está impressa em toda a criação. Ela é o princípio vital existencial das criaturas, tendo no ser humano, imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), como sujeito privilegiado do amor misericordioso Trinitário. E assim o é porque espelha, misteriosamente, a Trindade ou, como nos diz Boff, “a criação existe para acolher dentro de si a Trindade. A Trindade quer acolher dentro de si a criação” (BOFF, 2011, p. 144). Tal privilégio no amor implica numa fraternal coexistência com o conjunto das criaturas, afinal todos bebemos da mesma fonte da vida. Neste sentido, o papa Francisco afirma que: “Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (*Laudato Si'* 89).

Por princípio vital da misericórdia queremos enfatizar que ela é o impulso criador divino, a maneira como o amor de Deus se expressa no e para o mundo. É, portanto, reveladora da sua essência. Com efeito, Kasper destaca que “a misericórdia expressa a essência divina, que se encontra graciosamente virada para o mundo e para os seres humanos e que se torna a virar para eles uma e outra vez na história, isto é, a bondade e o amor inerentes a Deus” (KASPER, 2015, p. 114).

Sendo geradora de vida, a misericórdia vai contra tudo que fomenta a morte. Como pontua Fisichella, “por ser Deus misericordioso, é responsável por seu povo e por toda criatura. Não existe amor sem que se assuma a responsabilidade pela pessoa amada” (FISICHELLA, 2006, p. 100). Esse Deus criador caminha com o seu povo para libertá-lo e salvá-lo, ainda que este nem sempre o reconheça. Nessa perspectiva, Francisco ressalta que “a salvação, que nos oferece, é obra da sua misericórdia (*Evangelii Gaudium* 112). É, pois, um Deus que se compromete com a sua criação, em especial com o ser humano. A vida-dom é para nós também vida-compromisso, vida-missão. Segundo Panazzolo:

Uma das verdades fundamentais da revelação divina é o chamado universal para a salvação. É o dom que Deus oferece gratuitamente a todas as pessoas e a toda a humanidade. Pela imensa misericórdia, Deus Pai nos criou e nos chamou para participar na sua vida, pois o plano de Deus é a salvação de todo o gênero humano (cf. AG 2-3) (PANAZZOLO, p. 37, 2019).

O ápice da manifestação desse comprometimento de Deus para com a criatura humana se deu na encarnação do Verbo, na vinda de Jesus. Ele é a misericórdia revelada ou, como pontuou João Paulo II:

Cristo atribui a toda tradição do Antigo Testamento, quanto à misericórdia divina, um significado definitivo. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e de parábolas, mas sobretudo ele próprio a encarna e personifica. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia” (*Divis in Misericordiae* 2).

Desta forma, para os seguidores de Jesus a lógica da encarnação permeia todo o desenvolvimento humano e do cosmos. Isso faz com que a nossa missão seja pautada também por essa mesma lógica. Não somos seguidores de uma ideologia espiritualista desencarnada. Pelo contrário, o seguimento e a misericórdia manifestam-se historicamente. Assim, o mundo não é um inimigo a ser combatido, mas sim a ser transformado no e para o amor. A história é mais que um desenrolar de eventos que se dão no tempo, e sim um constante caminhar na direção da plenitude. E isso na liberdade, na força atrativa do testemunho, na ação libertadora da solidariedade, sem imposições. Não há processo de evangelização que não passe pela vida e dela extraia o seu sentido. Para além do direito de nascer e de ter uma morte natural, há toda uma existência a ser defendida. Os direitos humanos, nessa direção, possuem uma *dimensão Crística*. Ou seja, defender a dignidade da pessoa humana faz parte do próprio conteúdo da Revelação.

Por outro lado, não basta se colocar a favor da vida em abstrato. A misericórdia que gera vida é a mesma que nos impele a resguardar a justiça nas lutas diárias dos que mais se veem em situações de desumanização. Por conseguinte, os pobres, os explorados, os ditos descartáveis e sofredores são aqueles sobre quem o nosso olhar deve se voltar preferencialmente.

Assim viveu Jesus, e da mesma forma nós somos chamados a viver. E também a Igreja como instituição. Como destaca Sues: “O seguimento de Jesus é, sobretudo, seguimento do Crucificado e Ressuscitado nos pobres, nos excluídos e em todos os sofredores. Eis a ‘natureza missionária’ da Igreja!” (SUESS, p. 19, 2015). Essa é a nossa missão ou, como os bispos reunidos em Aparecida declararam, “toda autêntica missão unifica a preocupação pela dimensão transcendente do ser humano e por todas as suas necessidades concretas (Documento de Aparecida 176).

É nesse horizonte histórico que passaremos, ato contínuo, a discorrer sobre a misericórdia como indignação proativa.

## **2 Misericórdia como indignação proativa**

Quando pensamos na misericórdia, não raras vezes o fazemos em termos abstratos e a relacionamos com um sentimento que se volta a alguém ou alguma situação de injustiça ou sofrimento. Sem dúvida esses são aspectos da misericórdia, porém há uma outra face que não podemos esquecer: a sua capacidade de provocar ação.

A Graça que atua em nós, silenciosamente e mesmo sem a nossa consciência, faz com que todos, crentes e não crentes, sejamos capazes de amar e de nos compadecer com a dor e injustiça alheias. Nos humanizamos à medida com que nos abrimos para esta Graça. Por sua vez, ela gera aos que a ela se abrem uma indignação proativa atuante e, para usar um termo tão querido por Francisco, *em saída*. Para alguns essa abertura se dirige na busca pelo transcendente, no serviço aos irmãos, e na luta por estruturas sociais mais justas. Para outros essa aceitação do transcendente pode não existir de maneira explícita. Mesmo sem professar qualquer fé, é possível percorrer o caminho da justiça, da paz, e da luta por um mundo menos excludente. Em ambas as situações entendemos haver a atuação da Graça. No primeiro caso há uma fé declarada em Deus; no segundo, uma fé declarada à dignidade inerente da vida. E, como sabemos, Deus e vida caminham lado a lado.

Para nós cristãos a misericórdia, mais que possíveis conceituações, é, como dissemos anteriormente, uma pessoa: Jesus Cristo. Nessa perspectiva, Francisco afirma que “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré” (*Misericordiae Vultus* 1). Assim, entendemos, tal como Rahner, que há pessoas que, mesmo sem professar a fé em Jesus, estão a Ele unidas pelo amor misericordioso testemunhado em suas vidas:

Eis a mais bela maravilha da misericórdia humana: quem é de verdade misericordioso alarga seus vínculos, identifica-se com o irmão, lança-se numa aventura imprevisível e expõe sua liberdade ao risco mais extremo, o de se perder. Então podemos dizer (com uma linguagem lícita só ao cristão) que em muitos casos essas pessoas já encontraram o Cristo, ainda que desconhecedores da realidade profunda que seu gesto de socorro abraçou (RAHNER, 2004, p. 80).

Por conseguinte, se podemos falar que existem os chamados ateus práticos, igualmente vislumbramos haver cristãos práticos, isto é, aqueles que vivem a Boa-Nova, ainda que não a professem. Também Theobald ressalta que “a descoberta da gratuidade da vida e o convite a doar gratuitamente, até ao inimigo, não são de nenhum modo reservados aos discípulos de Jesus, mas acessíveis a todos os seres humanos” (THEOBALD, 2009, p. 118). Observe-se que o indivíduo se dá a conhecer pela maneira como vive concretamente. Isso igualmente se aplica à experiência e testemunho da misericórdia. Sem a ação, torna-se estéril. É, pois, proativa, criativa e criadora de novas relações. Isso em âmbito individual e comunitário. Uma Igreja que pregue a misericórdia mas não a viva será tudo menos *sacramento universal de salvação* (*Lumen Gentium* 48). Aliás, novamente Francisco não deixa dúvidas sobre qual o papel que a misericórdia deve ocupar na Igreja:

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (Papa Francisco, *Misericordiae Vultus* 10).

Mas quem seriam os interlocutores preferenciais da nossa misericórdia? A primeira resposta que nos vem à mente é aquela que Francisco propagou desde o início de seu pontificado: os pobres de todos os matizes, pois são eles, devido às suas condições, os mais necessitados de misericórdia. Aliás, esta foi uma das grandes contribuições que a reflexão teológica latino-americana, especificamente na sua vertente relacionada com a libertação, ofereceu – e ainda oferece – à Igreja,

isto é, colocar no centro os pobres e, partir de suas realidades, iluminados pela Palavra de Deus, pensar a teologia. Por esta razão, os bispos reunidos em Aparecida (2007), cientes da caminhada eclesial na nossa região, proclamaram: “A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha” (Documento de Aparecida 391).

Contudo, nem Francisco, nem o magistério latino-americano, estão a pregar uma doutrina nova, mas sim ressaltar, sem meias palavras, o que nos ensina o próprio Evangelho e a prática da Igreja desde os primórdios. Não nos esqueçamos que é a misericórdia, vivida concretamente, o critério último da nossa salvação. O saciar a fome e a sede; o acolher o forasteiro; o vestir quem se acha despido – de roupa e dignidade; o visitar os doentes os presos, serão o nosso passaporte de entrada para o Reino de Deus (Mt 25, 31-46), cuja construção se inicia neste mundo. Ou, como nos diz Vítório, “a acolhida no Reino dos Céus decorre de uma opção pessoal como projeto de vida fundado na solidariedade misericordiosa com os irmãos e irmãs fragilizados em sua humanidade”<sup>2</sup>.

O querigma possui, portanto, um conteúdo inevitavelmente social, cujo anúncio tem uma repercussão moral imediata, tendo como centro a caridade (*Evangelii Gaudium* 177). Trata-se de uma caridade que visa a paz, a justiça, e a fraternidade entre todos. Esse empenho, por sua vez, provoca tomadas de posições em favor dessa paz, dessa justiça e dessa fraternidade. É demanda que nasce da fidelidade ao Evangelho, e do seguimento a Jesus. Não se trata de ativismo ideológico, e sim fruto do encontro transformador com Cristo que, seja qual for o nosso estado de vida, a nossa profissão ou mesmo condição social, nos envia para águas mais profundas (Lc 5,4).

Mas como falar de paz, justiça, e fraternidade para uma multidão de pessoas deixadas pelo caminho, à margem, nas periferias físicas e existenciais, fruto de um sistema neoliberal cujo deus mercado deseja substituir o Deus da vida? De nossa parte, oferecemos a seguinte contribuição: assumindo as suas dores, as suas lutas, os seus sonhos. Isso vale para nós e para a Igreja enquanto instituição. Todavia, isso traz consigo consequências. Para alcançarmos – ou ao menos nos aproximarmos - da justiça e da paz social, muitas vezes é necessário aceitar o conflito, mesmo que não desejado. Sobre isso falaremos a seguir.

---

<sup>2</sup> VITÓRIO, 2019, p. 274

### 3 Assumir o conflito para a construção da fraternidade e da paz social

Assumir o conflito para a construção da fraternidade e da paz social se traduz num compromisso sociopolítico e de fé que advém dessa misericórdia internalizada – e proativa – que antes falamos. Sendo Jesus a misericórdia em pessoa, os seus seguidores são chamados a trilhar os seus caminhos, a viver em sintonia com os valores do Reino que ele anunciou e testemunhou. O mesmo se diga da Igreja.

Entretanto, sabemos que as escolhas trazem possíveis oposições. Da mesma forma como podemos agir movidos pela misericórdia, há também as reações contrárias quando esta busca transformar a realidade, modificar o *status quo* e combater privilégios. Especialmente na sociedade brasileira, tomar o lado dos mais vulneráveis, dos pobres, dos excluídos, dos invisíveis do sistema, da não violência, pode vir a acarretar conflitos de todos os lados, inclusive de grupos no interior da própria Igreja. Todavia, o conflito, quando vivido numa mística da misericórdia, ainda que não buscado, há de ser encarado como uma etapa necessária no processo de libertação de tudo aquilo que vai contra o Reino de Deus. Assim, Francisco nos alerta que “o conflito não pode ser ignorado ou dissimulado; deve ser aceito” (*Evangelii Gaudium* 226). E, mais recentemente, o papa novamente abordou o assunto: “não devemos procurar conflitos, mas simplesmente suportar o conflito inevitável, para que o respeito humano não leve a faltar à fidelidade em nome de uma suposta paz familiar ou social” (*Fratelli Tutti* 240).

Não obstante, esse conflito assumido, é apenas uma etapa no caminho da paz e da fraternidade, e não o seu fim, o seu objetivo último. Muitas vezes nos atemos por demasiado às diferenças e, quase sem perceber, fechamo-nos ao diálogo, e não cultivamos o que Francisco chama de “comunhão nas diferenças” (*Evangelii Gaudium* 228). Por isso, “quando paramos na conjuntura conflitual, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade” (*Evangelii Gaudium* 226). Entretanto, a unidade é superior ao conflito (*Evangelii Gaudium* 228).

Nessa perspectiva conflitual da misericórdia, não bastam ações assistencialistas. Somos chamados a buscar – e combater –, por amor a Deus e aos irmãos, as causas mais profundas da injustiça, da exclusão e da pobreza. No entanto, ao dizermos que não bastam ações assistencialistas, em absoluto estamos negando a sua importância em dadas situações. Há momentos, especialmente de emergência alimentar, em que a assistência imediata talvez seja o instrumento mais eficaz à disposição. A fome não espera a modificação das estruturas, ou mesmo a conscientização das

peessoas. Por outro lado, o objetivo derradeiro a ser perseguido deve sim ser o da transformação social por meio de uma educação desalienante que liberta o ser humano e denuncia profeticamente todo tipo de opressão e exploração. Com efeito, Sobrino afirma que:

Neste mundo são aplaudidas ou toleradas “obras de misericórdia”, mas não se tolera uma Igreja configurada pelo “princípio misericórdia”, o qual a leve a denunciar os salteadores que produzem vítimas, a desmascarar a mentira com que cobrem a opressão e a animar as vítimas a se libertarem deles (SOBRINO, 1994, p. 43).

Assimilar o conflito por amor a Deus e aos irmãos, ou seja, em nome da misericórdia mais profunda que nos une, significa também aceitar as suas consequências. Há o possível perigo à vida, as eventuais perseguições, os prováveis ataques morais. Pode ainda significar ser alvo de verdadeiras quadrilhas virtuais propagadoras de *fake news*, de gabinetes de um submundo do ódio. Aliás, podemos citar, a título de exemplo, o que ocorreu recentemente no dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, 12 de abril de 2021. Presenciamos como as palavras proféticas de um bispo (Dom Orlando Brandes, Arcebispo de Aparecida) provocaram reações contrárias e desequilibradas por parte de alguns. Vejamos um fragmento da homilia de Dom Orlando Brandes, na presença do presidente da república:

Para ser pátria amada não pode ser pátria armada. Para ser pátria armada seja uma pátria sem ódio. Para ser pátria amada, uma República sem mentira e sem *fake news*. Pátria amada sem corrupção. E pátria amada com fraternidade. Todos os irmãos construindo a grande família brasileira<sup>3</sup>.

Alguns dos que se levantaram contra o arcebispo de Aparecida afirmaram assim agir para defender a *verdadeira fé católica*, pois diziam que a mesma deve se ater a questões estritamente espirituais. Na verdade, porém, quem assim pensa, acaba construindo uma religião fechada (e de fachada), reacionária, desencarnada e pouco misericordiosa. Não obstante, também para esses a misericórdia está disponível e deseja alcançá-los, já que a sua justiça busca sempre a conversão. Tais comportamentos sinalizam que a nossa sociedade está enferma, e que o cristianismo não foi capaz de permeá-la profundamente. Sinal também de que temos muito a fazer, havendo todo um

---

<sup>3</sup> Dom Orlando Brandes, homilia em no Santuário Nacional de Aparecida em 12/10/2021. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco\\_20160319\\_pont-comm-america-latina.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2016/documents/papa-francesco_20160319_pont-comm-america-latina.html). Acesso em 18/10/2021.



horizonte de possibilidades para que o anúncio da Boa-nova seja realizado com perseverança, amor e coragem. E claro, sempre com misericórdia.

## **Conclusão**

Deus se deixa encontrar no outro<sup>4</sup>. Por vezes esse nosso irmão ou irmã está caído caminho, tal como aquele que sofreu violência e roubo da parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37). Por vezes somos nós mesmos que nos desfiguramos pela indiferença e pela vivência de uma fé mais ritualística do que existencial. Nesses momentos precisamos ser resgatados pela misericórdia de Deus.

Chegamos à conclusão de que essa misericórdia, presente desde o início, faz parte da essência de Deus. Por ser geradora de vida, é também fundamento para a defesa da própria vida. A isso chamamos de princípio vital. Por sua vez, quem se deixa transformar – ou converter - pela misericórdia, passa a se indignar proativamente contra as tantas situações contrárias à dignidade da vida humana, além de começar a enxergar o conjunto da criação como dádiva, e não como mero objeto de dominação.

Movidos pela misericórdia somos instados a assumir o conflito para a construção da fraternidade e da paz social como aspecto intrínseco ao discipulado de Cristo. A verdade é que seguir Jesus nos compromete com o seu Reino. Ainda que só o alcancemos na plenitude escatológica, somos convidados a construí-lo neste tempo, no caminhar da história. Para Deus é sempre hoje, e para nós, enquanto vivermos, será sempre tempo de missão.

## **Referências**

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 6. impr. São Paulo: Paulus, 2010.

BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

---

<sup>4</sup> Leia-se outro ou outra.

COMPÊNDIO DO CONCÍLIO VATICANO II. *Constituições, Decretos, Declarações*. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. 11.ed. São Paulo: CNBB; Paulus; Paulinas, 2009.

FRANCISCO, papa. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia Misericordiae Vultus*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. *Carta encíclica Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020.

\_\_\_\_\_. *Carta encíclica Laudato Si'*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

FISICHELLA, Rino. *Sobre a teologia da misericórdia*. In: VIRGILII, Rosanna et al. *Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 97-113.

KASPER, Walter. *A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

PANAZOLLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2019.

RAHNER, Karl. *Elogio da misericórdia*. In: *Palavras de Misericórdia*. Vários autores. Aparecida: Santuário, 2004, p. 71-82.

SOBRINO, Jon. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SUESS, Paulo. *Introdução à Teologia da Missão*. Convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. 4.ed. revista e ampliada. São Paulo: Vozes, 2015.

THEOBALD, Christoph. *Transmitir um Evangelho de liberdade*. São Paulo: Loyola, 2009.

VITÓRIO, Jaldemir. *Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino*. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2019.